

**Itália**

A derrota da esquerda como a direita gosta

Gregório Maestri
de Milão.

Itália. Abril de 1996. Fato histórico. O antigo maior partido comunista do Ocidente, aliado a pequenas agremiações centristas, vence as eleições nacionais, depois de passar 50 anos à margem da gestão do Estado, devido ao veto ianque, da Igreja e do capital, apesar de contar com de 30% do eleitorado.

O Partido de Refundação Comunista, que nascera em 1991, quando o PCI mudara de nome para Partido dos Democratas de Esquerda [PDS], assumindo-se social-democrata, apoiara, de fora, a coligação. O PRC formara-se com operários, estalinistas, maoístas, sindicalistas, trotskistas, etc. que se negaram a cessar a luta anti-capitalista.

Nem mesmo no horizonte político, a coligação do Ulivo prometia o socialismo. Para o PDS, a democracia burguesa era agora "valor universal". Prometia apenas as melhorias sociais exigidas por um país governado pelo capital desde a queda do fascismo.

A vitória era ainda mais completa pois coroava o fim de seis meses de governo de Berlusconi, desorganizado por mobilizações de massas contra as privatizações, os cortes sociais, a destruição das leis trabalhistas.

O milagre de Prodi

Romano Prodi, administrador de empresas estatais, assumiu a chefia do ministério num momento em que o país vivia grave crise econômica, agravada pela proximidade da união monetária europeia [Euro]. Em menos de dois anos, saneou as finanças públicas, dobrou a inflação, relançou as exportações, permitiu que a Itália "entrasse na Europa" de cabeça erguida!

Para realizar o milagre, Prodi comprimiu salários, cortou investimentos, suspendeu gastos, privatizou bens públicos, causando graves seqüelas sociais. As reformas queridas pelo capital vinham agora, as exigidas pela população, depois, prometeu.

O governo de centro-esquerda dependia do apoio do PRC, com 9% dos votos em 96. Após exigir inutilmente mudança de orientação, a Refundação Comunista votou contra Prodi na câmara, derrubando-o. Pela ação, foi acusada de esquerdismo e de facilitar a volta de Berlusconi.

Tudo permaneceu como dantes, no quartel de Abrantes. Apoios conquistados no centro livraram a aliança do Ulivo da incômoda dependência do PRC, permitindo a organização de novo governo. No processo, o Partido dos Comunistas Italianos abandonou o PRC, para manter-se agarrado no governo.

Traindo a bandeira

D'Alema militara desde a infância no velho PCI. Era o primeiro ex-comunista a governar a Itália, que já se encontrava na Eurolândia e vivia boa situação econômica. Em vez de corrigir, aprofundou a linha Prodi, juntando-se a Clinton, Blair e Schroeder na Quarta Via - neo-liberalismo com discurso social-democrata.

D'Alema transformou a Itália na campeã das privatizações; dos cortes sociais; da liquidação da legislação trabalhista, resultado de décadas de lutas, dirigidas pelo PCI! Comprometeu conquistas que orgulhavam a esquerda italiana: ensino público e laico de qualidade; universidade pública aberta à população; princípio do Estado republicano indivisível, baseado nos valores da resistência antifascista.

As escolas particulares e católicas passaram a poder ser financiadas pelo Estado. A "autonomia" permitiu gestão empresarial das universidades descomprometida com a população. Introduziu-se o emprego temporário, à margem dos contratos de trabalho.

Na terra dos emigrantes, aprisionou-se o trabalhador estrangeiro sem papéis em campos de concentração. Sem poder tocar nas pensões, elas foram congeladas, não raro, ao nível da pobreza absoluta.

Viva a morte!

Uma das mais queridas conquistas da esquerda fora a proibição constitucional de participação da Itália em guerra ofensiva, arrancada aos proprietários no pós-guerra pela classe operária. Em 1991, o tímido apoio da Democracia Cristã à agressão ao Iraque causara comoção nacional.

Em 1999, sob D'Alema, o ataque à Sérvia, querida pelos ianques e pela Otan, realizou-se com a participação ativa italiana, sob a quase exclusiva oposição do PRC, nas ruas e no parlamento.

À exceção do sindicalismo de base, os poderosos sindicatos apoiaram a reorganização pró-capitalista permitindo que se desse quase sem resistência, mesmo por parte de setores tradicionalmente combativos.

Em poucos anos, apoiada pelos sindicatos, a aliança dirigida pela social-democracia fez mais pelo capitalismo do que a Democracia Cristã, em cinquenta anos de governo, sob a ameaça da mobilização insurrecional dos trabalhadores.

Crise moral

Após o fim da intervenção no Kosovo, mídia e governo anunciaram, orgulhosos, que a Itália participava do clube restrito das nações ricas que decidem a sorte do mundo. O abandono dos valores tradicionais do trabalho e solidariedade pelos do sucesso e lucro permitiu que visões irracionais de mundo emergissem e dominassem a sociedade italiana.

No contexto da confusão causada por esquerda governamental que nada concedia à população e tudo cedia ao capital e à Igreja, para comprovar o definitivo abandono do passado laico e socialista, italianos desesperançados e empobrecidos - idosos, aposentados, etc. - responsabilizaram os

imigrantes por suas misérias e frustrações. A poderosa maré xenófoba foi alimentada pela direita populista e separatista e pelo pequeno e médio capital, interessados na super-exploração de imigrantes sem direitos trabalhistas.

No contexto do ativismo da direita e do amplo desgosto popular, a aliança do Ulivo retrocedeu fortemente nas eleições europeias e regionais de 2000, obrigando D'Alema a demitir-se. Urgia recomposição governamental que enfrentasse a cada vez mais provável vitória da oposição nas eleições gerais de 2001.

A César o que é de César

Durante a crise de 92, Amato, o novo capo governamental, cortara na carne os gastos sociais. Consciente da perda de apoio, votou leis de redução de impostos (mais favoráveis aos ricos), concedeu aumento mísero aos professores, determinou a gratuidade da assistência médica aos idosos, única concessão popular em cinco anos de governo!

Para demonstrar que os direitos religiosos procediam aos civis e que as prerrogativas do capital sobrepunham-se às cidadãos, financiou o Ano Santo, dificultou o Word Gay Pride 2000, impediu que as seguradoras fossem multadas por formarem cartéis.

A conta foi salgada. Em 2001, Berlusconi apresentou-se à população que o execrara, seis anos antes, à cabeça da aliança "A Casa das Liberdades", formada por seu partido privado - Forza Itália -; pela Aliança Nacional, movimento fascista reconvertido em direita constitucional; pela Liga Norte, racista e separatista, e por alguns filhotes da Democracia Cristã, a Grande Prostituta italiana, que explodiu sob o peso da corrupção.

Berlusconi criticou a insensibilidade social da esquerda. Sobretudo, prometeu reprimir a violência; controlar a imigração; emprego para todos; e, cúmulo da humilhação, elevar a pensão mínima dos velhos para 1.100 reais. Um programa que cativou setores populares desorganizados pelo neo-liberalismo social-democrata.

A esquerda como a direita gosta

Berlusconi defrontou-se com inesperado inimigo. Seu assalto ao governo foi duramente combatido pelo grande capital. A imprensa conservadora mundial - Le Figaro, Le Nouvel Observateur, Newsweek, The Economist, Time, etc. - publicaram matérias denunciando o "perigo" Berlusconi.

A revista The Economist e as outras publicações internacionais lembraram a excelente ação liderada pelo ex-PCI que, em cinco anos, saneara a economia; derrubara o desemprego; reduzira a inflação; relançara as exportações; alcançara níveis de crescimento próximos aos dos anos 1960.

Os porta-vozes do capital internacional elogiaram ação que transformara a Itália, da mais estatizada do Ocidente [60% da economia era pública] na que mais privatizou da Europa. Aplaudiram a desregulamentação - liberalização dos horários no comércio; do setor telefônico, energético, ferroviário; limitação das greves, etc. Ressaltaram que as empresas italianas tornaram-se as mais lucrativas, enquanto os salários patinavam.

Sobretudo, lembra que, além de corrupto, Berlusconi fracassara e fracassaria ali onde a social-democracia alcança resultados excepcionais: a manipulação das classes populares.

Muito, rápido, melhor

A grande imprensa lembrou que outros governos conservadores, como o da Thatcher, haviam feito as

mesmas reformas. Entretanto, que nenhum deles fizera tão bem, em tão pouco tempo, com tão pouca resistência social, como o PDS e a aliança do Ulivo.

Recordou-se que a social-democracia tinha quadros como o ministro Visco, da Economia, e Salvi, do Trabalho, ex-marxistas, hábeis defensores das políticas do capital junto à burocracia sindical, capazes de obterem reformas, "de baixo para cima", favoráveis aos de "cima".

A ativa defesa do governo do Ulivo foi realizada também pelo grande capital italiano, que já contava com espaços para contatos orgânicos com a social-democracia, como a associação Italianos Europeus, fundada por D'Alema e Amato, com taxa de inscrição entre 50.000 a 1.000.000 reais.

Essa sui-generis ONG permitia que a elite ex-comunista, ex-socialista e ex-sindicalista trocassem idéias - e favores - com os puro-sangues do capitalismo italiano: Agnelli, presidente do Grupo Fiat; Collanino, presidente da Telecom Itália; De Benedetti, presidente da Olivetti; Moratti, petroleiro e presidente do Inter; Tato, presidente da Enel; Tronchetti Provera, presidente da Pirelli, entre outros caixas-altas.

Acabando com o jogo

Compreende-se a preocupação do grande capital com a sorte do governo capitaneado pelo PDS. Sua derrota dificultaria, na Itália e no mundo, a continuidade de uma política que permitiu, sob a batuta social-democrata, o pagamento da dívida, o saneamento das finanças, os cortes dos investimentos, a destruição de conquistas, o achatamento dos salários, com o mínimo de resistência.

Apesar do apoio do capital, por dois anos, a coalizão do Ulivo foi dilacerada pela disputa em torno do nome que enfrentaria Berlusconi, despreocupando-se em aprovar uma lei que impedisse que um político possuísse praticamente todos os grandes canais televisivos nacionais privados!

O candidato escolhido foi o prefeito de Roma Francesco Rutelli, ex-ambientalista, ex-pacifista, ex-antinuclearista, moderno, bonito, liberal, amigo do papa, organizador do Jubileu 2000 e, sobretudo, anti-comunista. Era a cara da Quarta Via!

A campanha de Rutelli foi entregue ao marketeiro das eleições de Clinton, Blair, Schroeder e Mandela. O resultado foi o esperado. Uma campanha, nem à esquerda, nem à direita que se limitou a acompanhar a agressiva demagogia de Berlusconi como cachorrinho de luxo arrastado pela madame.

Sem gosto, sem cheiro

Como a "Casa das Liberdades", Rutelli prometeu combater a criminalidade, prosseguir o liberalismo, aprofundar as privatizações, expulsar os imigrados, mas tudo moderadamente e com bons sentimentos! Uma ausência total de conteúdos, idéias e propostas, incompreensível à população italiana acostumada à política, ao debate, ao confronto.

Nos últimos cinco anos, quase sozinho, o PRC defendeu os interesses populares sob o ataque da grande imprensa de direita, de centro e social-democrata. Nas eleições de 13 de maio, apresentou-se isolado, apesar da legislação, criada para introduzir, a fórceps, o bi-partidarismo na Itália, penalizar os partidos que não alcançassem 4% dos votos.

Agravava as dificuldades de Refundação Comunista a intensa propaganda pelo voto "útil" contra Berlusconi, apesar do PRC não apresentar candidatos uninominais ao parlamento e concorrer, em frente único, com a coalizão Ulivo, na maioria dos municípios.

Maré inesperada

Em 13 de maio, o eleitorado ocorreu às urnas numeroso (quase 90%, em certos casos), onde permaneceu por longas horas (até às 5 da manhã), devido ao grande número de boletins a compilar e à redução das zonas eleitorais decidida, em 98, por Prodi, por economia.

A grande surpresa das urnas foi a vitória limitada da "Casa das Liberdades" que alcançou escore inferior ao esperado, apesar de vencer em regiões da Itália rica - Lombardia, Piemonte, Vêneto, etc. -, e em redutos historicamente "vermelhos" - Bologna, Parma, Ligúria, etc.

Uma outra surpresa foi a reformulação do panorama político italiano, no qual Forza Itália, de Berlusconi, emerge como a grande agremiação política nacional, subindo de 20% [96] para 30% dos eleitores. Avanço realizado através da canibalização dos aliados. Aliança Nacional recua de 15% para 12% e a Liga Norte despenca dos 10.5% para 3.9%!

O mesmo fracasso eleitoral conheceram os sete partidos da extrema-direita, entre eles Flama Tricolor, fascista, que não chegou a 1%, apesar de apoiar a "Casa das Liberdades" na Sicília. Juntos, os dois partidos vaticanistas de direita - CCD e CDU - perdem dois milhões de votos e não alcançam o fatídico 4%.

Sucesso chocho

A reação de parte do eleitorado de esquerda limitou a vitória da direita, privilegiada pelo sistema eleitoral majoritário. Os votos da "Casa das Liberdades", somados aos dos partidos de extrema-direita, empatam com a votação da coligação de centro-esquerda, somada à do PRC e de outras listas de centro, centro-esquerda e esquerda.

Na votação uninominal ao Senado, sem Refundação Comunista, o Ulivo obteve 38.7%, contra os 39,9% alcançados, em 96, junto com o PRC. Os votos somados do Ulivo e do PRC chegam a 43.7%! Em 96, os votos da "Casa das Liberdades", que, em 96, somados aos da Liga Norte, chegariam a 47.7%, caíram para 42,5%! Juntos, os votos de toda a extrema-direita não alcançaram os 45,5%.

Foi também inesperado o sucesso relativo de Refundação Comunista, que recupera parte das perdas causadas por dois anos de apoio ao Ulivo. Mesmo não obtendo seu máximo histórico - 9 % -, avançou em relação às últimas eleições, obtendo no senado e na câmara 5,1% dos votos, superando a fatídica dos 4% na qual tropeçaram 25 das 30 partidos que participaram das eleições. Refundação Comunista foi o único partido que elegeu dois senadores e 11 deputados proporcionais, sem participar em alianças.

A votação expressa a decisão do eleitorado de esquerda de barrar o avanço de Berlusconi, de punir a coalizão do Ulivo e apoiar a ação classista de Refundação Comunista.

A foice e o martelo

O fato de que, juntos, Ulivo e Refundação pudessem alcançar a maioria no Senado, determinou imediato ataque contra os comunistas por parte da coalizão de centro-esquerda que viu todos seus partidos perderem apoio.

Em 1996, ainda com a foice e martelo na bandeira, o PDS alcançara 21,1% dos votos! Agora, sem eles, perdeu quase 5% dos eleitores! Sorte ainda mais triste tiveram os ecologistas, socialistas e o Partido Comunista dos Italianos [1%] que praticamente desaparecem do cenário político, ao igual que a agremiação de Di Pietro, promotor das "Mão Limpas", que abandonou o governo para concorrer sozinha.

A coalizão do Ulivo foi também derrotada nas eleições municipais. Em Milão, o candidato

conservador venceu no primeiro turno. Em cidades tradicionalmente "vermelhas" -Roma, Turim, Nápoles - o Ulivo chegou com dificuldade aos 48%, passando ao segundo turno, empatado com a direita.

Numa metáfora do desastre causado pela gestão social-democrata pró-capitalista, Força Itália emergiu das eleições como primeiro partido de Turim, capital histórica dos trabalhadores italianos, desde os anos 1920! A ótima votação do PRC constitui certamente reafirmação da vontade de reação da vanguarda operária e da esquerda de Turim.

Farinha do mesmo saco

No dia 14, à noite, a "Casa das Liberdades" recebeu a esperada saudação da Casa Branca, vista a identidade programática entre Bush e Berlusconi: diminuição dos impostos; fundamentalismo social; liberalidade ambiental; escudo espacial, etc. Com Berlusconi, os USA contam com outro aliado subserviente na Europa, além da Inglaterra.

Difícilmente será possível uma reação popular contra as políticas internas prometidas por Berlusconi para os 100 primeiros dias de governo: elas apenas aprofundam iniciativas tomadas pelo governo derrotado: financiamento pelo Estado das escolas particulares; diminuição dos impostos; repressão aos estrangeiros, etc.

Na Itália, o domingo 13 de maio, festa da abolição da escravatura no Brasil, se notabilizará pela derrota do primeiro governo formado por um ex-partido comunista. É verdade que ninguém esperava que ele iniciasse, em cinco anos, a marcha da Itália para o socialismo.

Mas, é também verdade que ninguém imaginava que o antigo Partido Comunista Italiano, convertido à social-democracia e à defesa do capital, fizesse (renascer(o berlusconismo (renascer) das cinzas, causando derrota histórica à esquerda!

A história não é um jogo de cartas onde, vencida uma partida, os jogadores começam outra, do início. A política do Ulivo destruiu conquistas históricas dos trabalhadores, prostituindo as condições materiais e espirituais da população. Sua ação pró-capitalista entregou o poder a uma aliança política conservadora e obscurantista, inevitável fonte de novas misérias populares.

No dia 13 de maio, a tentativa das forças populares de barrarem a chegada de Berlusconi e seus aliados ao poder, demonstra que o movimento social italiano possui forças e apoios para a construção, certamente difícil e dolorosa, de alternativa classista que derrote os representantes, de ontem e de hoje, do grande capital.